

Para o ministro, registros da variante estão subestimados. E pesquisa da CNI mostra que 49% população apoiam a continuação do uso de máscaras, e 65% concordam com cobrança de comprovante vacinal para frequentar ambientes

Mais de 11 casos da ômicron

» MARIA EDUARDA CARDIM

Desde o surgimento da variante ômicron do novo coronavírus, o Brasil já confirmou 11 casos da cepa em território nacional. Mas, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, admitiu que pode haver uma subnotificação de casos ao afirmar que “com certeza, deve haver mais” que os registros feitos até agora. A pasta investiga seis casos da variante em Minas Gerais e em Goiás.

“Vivemos espreitados por outras possíveis variantes desse vírus. Como é o caso da ômicron, que foram identificados 11 casos aqui no Brasil e, com certeza, deve haver mais”, disse o ministro, ontem, durante discurso na inauguração do Biobanco Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Pelo menos quatro unidades da Federação confirmaram casos da mutação: cinco estão no estado de São Paulo, dois no Distrito Federal, dois no Rio Grande do Sul e dois em Goiás.

Das 11 pessoas infectadas pela ômicron, sete estão com o esquema vacinal completo contra a covid-19; duas receberam apenas a primeira dose da vacina e, sobre as outras duas, ainda não há informações. Durante o discurso, Queiroga ainda ponderou que não se deve “punir” quem identificou uma variante nova da covid-19.

“Temos é que aplaudir quem identifica essas variantes do vírus para que possamos nos preparar melhor para combater essas ameaças imprevisíveis”, completou o ministro sobre as

nações que detectam mutações do coronavírus.

Diante do surgimento da variante, o Ministério da Saúde ativou uma sala de situação no fim de novembro para monitorar as infecções e adotar medidas de prevenção e controle. A princípio, a sala iria durar 15 dias, mas pode ser desativada também caso seja identificada uma transmissão comunitária da variante no país. No último final de semana, dados preliminares reunidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontaram que a ômicron pode se propagar de maneira mais veloz do que a delta, porém com sintomas mais leves.

Medidas



Para tentar barrar a disseminação da nova variante, a aposta segue sendo a vacinação e as medidas não farmacológicas já conhecidas, como uso de máscara e distanciamento social. Segundo dados de uma pesquisa

realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), 49% da população é contra desobrigar o uso de máscaras, enquanto 39% se dizem favoráveis à utilização facultativa. Outros 10% não são nem a favor nem contra e 2% não sabem responder.

Já adotada em algumas cidades, a exigência do certificado de vacinação contra a covid-19 para a entrada em alguns lugares e estabelecimentos é apoiada pela maioria da população. Cerca de 65% dos entrevistados acreditam que as casas comerciais e outros locais devem exigir o comprovante e apenas 22% são contra a prática.

» Anvisa passa a exigir passaporte

Dois dias depois da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que determinou a exigência de vacinação contra a covid-19 dos viajantes que chegam ao Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) começou a instruir os servidores dos postos de fronteiras dos aeroportos a começarem a cobrar o comprovante de imunização. No entanto, a autarquia destacou que a cobrança está em fase de adequação até que seja publicada uma nova portaria pelo governo federal — o que deveria ser divulgado ontem, mas não foi publicado até o fechamento desta edição. Apesar de ter iniciado a cobrança do comprovante de vacinação, a Anvisa instruiu que os servidores realizem “avaliações pontuais para os casos em que o viajante possa ser prejudicado pela mudança de regras entre o período de seu embarque e de sua chegada ao Brasil”.

PERIGO NA MONTANHA-RUSSA

Trava se solta nas mãos de passageiro

Reprodução/Rede Sociais



Passageiro mostra a trava de segurança que se soltou. Atração foi interrompida após o incidente

A trava de um dos assentos da montanha-russa Montezum, uma das principais atrações do parque temático Hopi Hari, se soltou com o brinquedo em movimento, no último sábado, em Vinhedo (SP). O incidente aconteceu quando a montanha-russa, com mais de 40 metros de altura, estava no primeiro ciclo, executando uma subida. Segundo o parque, o visitante sinalizou a ocorrência do problema, e a equipe responsável pela operação suspendeu o ciclo. A atração voltou a operar no dia seguinte.

A trava fica na altura do colo do passageiro, prendendo a perna e o abdômen contra o assento. Conforme a assessoria do parque, o próprio ocupante do assento que apresentou o problema fez o sinal de ‘X’ com os braços acima da cabeça, protocolo usado em todas as atrações do parque, para solicitar a parada do brinquedo.

Os passageiros foram desembarcados, e os assentos dos dois carros foram inspecionados para análise da ocorrência. “Como a parada ocorreu por volta das 17h40, a atração não foi reaberta neste dia, voltando a operar normalmente no dia seguinte”, disse o parque, em nota.

O Hopi Hari informou que mantém as inspeções diárias na montanha-russa, antes de liberar a operação, e os atendentes realizam a dupla checagem das

travas e cintos de segurança. São realizadas, ainda, inspeções semanais, anuais e auditoria independente externa.

“Na Montezum, além da trava, há o cinto de segurança e os assentos possuem geometria e divisória lateral para auxiliar na contenção do visitante em sua posição”, afirmou. O parque disse ainda que utiliza peças originais, segue os manuais e orientações

Myke Sena/MS



Para Marcelo Queiroga, há mais casos de infecção da ômicron do que os somente 11 que foram registrados até agora

Site da Saúde sofre novo ataque pirata

» JORGE VASCONCELLOS

O Ministério da Saúde sofreu um segundo ataque hacker entre o final de domingo e ontem. A nova ofensiva, que tinha sido negada pelo governo ao longo de toda a tarde, foi admitida, à noite, pelo próprio ministro Marcelo Queiroga, em Brasília.

Horas antes, ao omitir a nova invasão dos piratas, o ministério divulgou nota afirmando que o DataSUS realizava “manutenção preventiva na rede interna”. Mas, depois, mesmo dizendo que a segunda ação teve um impacto menor, Queiroga admitiu que a pasta trabalhava para “recuperar” sistemas internos.

“São duas coisas diferentes. Aquele primeiro ataque não foi um ataque ao Ministério da Saúde. Aquilo foi a nível da

Embratel. E, felizmente, os dados não foram comprometidos. Em relação a esse (segundo ataque), foi algo de menor monta e estamos trabalhando para recuperar isso o mais rápido possível”, disse o ministro.

Segundo fontes da Polícia Federal (PF), entre domingo e ontem, houve novas tentativas de ataques cibernéticos no sistema do Ministério da Saúde. Os e-mails, por exemplo, ficaram fora do ar.

Em nota divulgada minutos depois da fala de Queiroga, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República afirmou que houve “incidentes cibernéticos contra órgãos de governo” na última sexta e que o governo atua “de forma coordenada para retomada dos serviços”.

Serviço suspenso

Questionado sobre a previsão de restabelecimento, Queiroga disse que o novo ataque deve afetar a estimativa anterior de estabilização, anteriormente prevista para hoje. “Eu falei que (seria resolvido) até amanhã (hoje). Aí, houve esse outro ataque. Infelizmente, somos vítimas dessas figuras que têm, de maneira criminoso, invadido sistemas. Eles tumultuam, atrapalham”, disse.

No primeiro ataque, usuários do ConecteSUS relataram que os comprovantes de vacinação não estavam aparecendo no aplicativo. Houve episódios, também, de impossibilidade de acessar a plataforma.

Entre outras funções, o ConecteSUS é responsável pela

emissão do Certificado Nacional de Vacinação Covid-19. Por causa disso, o governo federal chegou a suspender a necessidade do documento para passageiros que desejam entrar no país, exigindo apenas cinco dias de quarentena. As medidas, que entrariam em vigor no último sábado, passariam a valer somente em 18 de dezembro.

Porém, o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou a obrigatoriedade da apresentação do comprovante de vacinação para viajantes que chegarem ao país. Segundo o gabinete do ministro, os brasileiros que não puderem comprovar vacinação em razão de ataque a sistemas do SUS devem apresentar um teste PCR negativo e informar que foram vacinados.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Médico teria xingado mulher durante parto

O Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) abriu, ontem, um processo interno de apuração sobre as denúncias da influenciadora Shantal Verdelho, que afirma ter sido vítima de violência obstétrica por parte do médico obstetra Renato Kalil. O médico nega e diz que tomará “providências jurídicas” por “ataques à sua reputação”.

O caso veio à tona a partir de áudios e vídeo, enviados pela influenciadora em um grupo de amigos, que foram vazados nas redes sociais. Neles, ela relata o que ocorreu durante o nascimento de sua filha, Domenica, em setembro. “Quando a gente assistia ao vídeo do parto, ele (Renato) me xingava o trabalho de parto inteiro. Ele fala: ‘porr’, faz força. Filha da mãe, ela não faz força direito. Viadinha. Que ódio. Não se mexe, porr*”, conta Shantal no áudio.

Em trecho do vídeo vazado, é possível ver o médico dizendo para Shantal “fazer força” soltando um palavrão, que ela rebate: “Eu estou fazendo. Eu sou a maior interessada nisso”. A influenciadora diz que era seu sonho ter um parto normal, por isso ao final tinha se sentido feliz por ter conseguido — o que mudou ao ver o vídeo gravado pelo marido, Mateus. “Depois que

eu vi tudo, foi horrível. Quando mostrei o vídeo para minha mãe e para minha terapeuta, todo mundo chorou. Foi um show de horrores”, diz na gravação.

Ela afirma, ainda, que o médico a teria “rasgado com a mão” pois tinha a intenção de provar que ela deveria fazer a episiotomia, um procedimento que consiste em uma incisão no períneo, região entre o ânus e a vagina, para facilitar a passagem do bebê. A Cartilha da Violência Obstétrica, feita pela Promotoria Pública de Mato Grosso do Sul neste ano, coloca a realização da episiotomia sem necessidade como uma das formas de violência obstétrica.

Na gravação, diz que o médico falou de suas partes íntimas ao marido. “Ele chamou meu marido e disse: ‘olha aqui, ela está toda arrebatada, vou ter que dar um monte de ponto na parececa dela’. Ele falava: ‘olha aí onde você faz sexo, está tudo f’”. Ele não tinha que mostrar isso para o Mateus, ele nem sabia se a gente tinha essa intimidade”, desabafa no áudio.

O médico afirmou, em nota, que a íntegra do vídeo mostra que “não há nenhuma irregularidade ou postura inapropriada durante o procedimento” e que Shantal teria “elogiado o procedimento em suas redes sociais durante trinta dias após o parto”.